Palafitas

sobre a vida que se esconde do outro lado do rio

Terra. Água. Dois elementos que caracterizavam a natureza daquele local, poderia se dizer, tão inóspito, mas que paradoxalmente também era considerado o ponto seguro, a casa de milhares de famílias. Estes dois elementos eram o que aproximavam, e ao mesmo tempo, distanciavam as duas realidades separadas por uma água escura, que já denunciava pela sua cor a saúde e transparência que um dia chegara a ter.

A Cidade de Utopis, por um lado, guarda semelhança com o sonho de Thomas Morus. Prédios altos se estendiam ao céu, belos, envidraçados, dotados da dureza e frieza característica das grandes metrópoles do país, conhecidas por serem promissores centros de inovação. Utopis era uma metrópole futurista, em função do rio Anidro, que abastecia toda a cidade, onde imperavam os avanços crescentes da tecnologia que chegara para melhorar a qualidade de vida de seus moradores.

Do outro lado do mesmo rio, não tão distante, sobre estacas velhas de madeira, construídas em área de manguezal, em terreno alagadiço e de solo instável, encontravam-se moradias precárias, ou possa-se dizer, subnormais, já que aquilo era longe de se considerar um local de habitação regular, ou ao menos, dotado de um resquício de dignidade. Irônico seria constatar que o mesmo rio que sustentava tamanha metrópole, limpa e salubre, reconhecida como um dos maiores polos de inovação e lazer do mundo, também seria, literalmente, as bases da maior favela de palafitas daquele país.

Digna de cartão postal, o calçadão emoldurava os vários quilômetros de extensão do rio que circundava a cidade, bela, tecnológica e imponente. Utopis era uma metrópole única, capaz de oferecer lazer e entretenimento para famílias, idosos, crianças e turistas, possuindo atrações para todas as idades. Lá, fosse nos apaixonantes fins de tarde de pôr do sol, ou nos finais de semana ensolarados, todos podiam passear livremente, correr, deixar por um instante os seus problemas corriqueiros de lado e permitir que a mente divagasse, tranquila, explorando as belezas do local. Naquela orla, cada um podia ser e existir, verdadeiramente, conforme a sua essência, pois Utopis recebia a todos naquele local, de abraços abertos. Um local onde imperava o real significado da palavra, hoje em dia tão usada, mesmo que poucos entendam o seu real significado: coexistência. Será? Difícil de fazer tal afirmação, porque a realidade é que poderia haver uma - tentativa- de coexistência, até a faixa de terra que alcançava aquele majestoso rio, tão prestigiado pelos turistas e moradores. Porque alguns quilômetros depois, do outro lado, imperava tão somente uma existência, nua, crua, abandonada, que parecia simplesmente existir, largada, por si só: ali estendiam-se casas sobre palafitas, que costumavam ser ignoradas pela parte real da cidade. Afinal, aos olhos da grande maioria, que seriam aqueles escombros de invasão que se erguiam sob a água, senão um problema que poderia ser resolvido em alguma outra oportunidade? Não seria nada tão urgente, até porque as pessoas haviam sobrevivido até aquele momento, não é mesmo? As cidades possuem tanto dilemas a serem solucionados...O que seria mais um deles?

O que ocorre é que, em meio àquelas palafitas, escondia-se uma realidade não tão fácil de se encarar. Naquele local, natureza e homem se misturavam, desenfreadamente, compulsivamente, até o momento em que se encontravam entrelaçados, não de forma poética, mas sim, grosseira, de modo que já não se sabia qual era o espaço delimitado de cada um. Já não se podia dizer se a natureza estava ali para servir o homem, ou se o homem estava ali para servi-la. Eram um-só, amplamente interligados, de modo que já não era possível distingui-los. Ainda assim, de forma alguma poderia se dizer que as pessoas que ali moravam estavam conectadas com a natureza, com toda a sua essência, força e beleza que repurificam a alma, até dos mais incrédulos.

Explico. O mangue, por exemplo, antes área de preservação ambiental, já quase não se via, pois jazia em meio às madeiras grossas que sustentavam, precariamente, as casas de milhares de famílias da região. A pouca vegetação que sobrara, mal dava conta de encontrar, naquele solo e água, algum mineral que proporcionasse o seu crescimento.

A água, por sua vez, que um dia fora límpida e transparente, agora era marrom, com odor desagradável, já que servia de esgoto para a população, como uma verdadeira fossa onde eram jogados os dejetos. Dessa forma, a água era necessária para manter a vida, mas paradoxalmente também acabava esgotando-a, vez que servia de lixo.

Saneamento básico, por sua vez, era uma palavra desconhecida naquela região, ao passo que o acesso à água encanada também era um privilégio eventual de uma esparsa parcela dos moradores.

Tendo em vista que as casas eram construídas de forma extremamente simples e precária, era comum que caísse lixo, entulhos ou objetos perdidos das moradias diretamente para a água: objetos estes que se tornavam tão esquecidos quanto as pessoas que ali moravam. Certa vez, disseram que, durante a madrugada, uma criança recém-nascida caiu por entre uma madeira desgastada do piso de sua casa. Nunca mais teria sido encontrada. Ninguém sabe afirmar se a história foi inventada, mas também ninguém ousou admitir que não o era.

Ainda assim, a população que ali residia possuía coração bom. Pessoas simples, humildes, que levavam sempre um sorriso no rosto e viviam um dia de cada vez, acreditando que um dia poderiam viver de forma mais digna. Não se deixavam abalar por qualquer coisa, tentavam enxergar o melhor de todas as situações e agradeciam diariamente por possuírem um local para abrigar a sua família.

Dona Rosa era uma dessas pessoas. Era uma mulher inteligente, instruída, havia conseguido finalizar o Ensino Médio e inclusive começado a faculdade de Direito.

Contudo, no decorrer do curso conheceu um rapaz belo, maduro, sensato, - ou assim parecia- que lhe prometera uma vida de sonhos.

Apaixonou-se intensamente e entregou seu coração ao jovem. Tiveram uma filha juntos, que hoje era o seu bem mais precioso: Aline.

Posteriormente, contudo, a sua história teve um desfecho triste e infelizmente comum naquela sociedade: o companheiro passou a agredi-la, impedi-la de frequentar as aulas. Afinal, a mulher era sua propriedade e tinha que permanecer dentro de casa, fechada. Dona Rosa, na época com toda a sua ingenuidade, beleza e juventude pela frente, acreditou nos xingamentos que o marido lhe proferia, até o momento em que teve de trancar a faculdade e não possuía mais forças para seguir com seus planos de vida.

No começo, acreditava em tudo que o marido lhe falava. Depois, sentiu que precisava se impor, até que teve coragem de denunciá-lo.

Após a denúncia, o homem havia virado um anjo. Implorava-lhe perdão, dizendo que ela era tudo na vida dele, que ele era um homem mudado. Que nunca mais iria agredi-la. Com o coração apertado, Dona Rosa o perdoava, umas e outras vezes, com a cega credulidade de que ele era o amor da sua vida e que todos mereciam uma nova chance.

Não será necessário dizer que o ciclo de violência se repetiu, inúmeras vezes, até o dia em que Rosa quase perdeu a vida – literalmente – por acreditar naquela relação.

Depois disso, seu marido foi preso, e a jovem conseguiu finalmente seguir sua vida, com um pouco mais de tranquilidade – coisa que não sentia há tempos. Rosa, tal como diz seu nome, começou a enfim desabrochar. Ainda assim, as dificuldades financeiras persistiam.

O sonho de terminar sua faculdade, contudo, permanecia vívido, e colocava os seus esforços nesse objetivo.

Houve uma ocasião na qual jornalistas compareceram no local para fazer uma entrevista com os moradores e gravar as condições de habitação nas palafitas, para uma reportagem. Quando questionada sobre a vida nas palafitas, Dona Rosa respondera, com um sorriso no rosto: “Tirando a falta de água, a gente tem tudo. Não dá pra reclamar.”

II- A Decisão

Mesmo em meio à todas as intempéries que o dia a dia nas palafitas implicava, lá a vida era sempre agitada e repleta de animação: as crianças, com sua pureza, viam um quê de aventura e emoção naquela vida diferente, de morar em cima das águas.

Suas brincadeiras, inclusive, eram moldadas por aquele meio em que viviam, e o imaginário dos pequenos era permeado por histórias do folclore brasileiro: o conto do boto, da sereia, entre outros.

A imaginação podia, ao menos, transformar aquela favela num local um pouco mais bonito de se viver.

Algumas famílias dali não tinham condições de permanecer circulando até a cidade, motivo pelo qual a favela de palafitas acabava se tornando o seu único refúgio: havia mercearias, mercados e uma pequena escola, em que pese as condições extremamente precárias. Era uma verdadeira ilha, que isolava aquela população do restante de um mundo, que estava, paradoxalmente, tão próximo: do outro lado do rio.

Ilha aquela de sonhos, aspirações, de risos e sorrisos de pureza das crianças, que com o tempo vinham a ser abafados por medos, angústias, decepções. O sentimento que imperava na população era a vontade de sair daquele local e viver de forma digna, e ao mesmo tempo o medo de não saber se poderiam se adaptar e sobreviver em qualquer outro local do planeta. De certa forma, alguns passavam a acreditar que talvez não fossem merecedores de algo melhor.

Outras famílias, por sua vez, criavam seus filhos naquela espécie de bolha social, pois queriam poupar as crianças de entrar em contato com uma realidade tão diferente. Era o caso de Dona Rosa, que fazia isto, quase que inconscientemente. No fundo, era um orgulho disfarçado no medo de que a filha quisesse fugir e viesse a abandoná-la, ou a decepção consigo mesma, de não ter sido capaz de proporcionar à filha condições de vida mais dignas. Ainda assim, Rosa admitia que sua conduta não era correta, pois sabia que em algum momento Aline teria que conhecer o mundo que se escondia por trás dos altos prédios, do outro lado da margem do rio.

Foi com esse intuito e após muita reflexão que, certo dia, Dona Rosa pegou nas mãos de sua filha, com os olhos cheios de lágrimas, e exarou, com um longo suspiro:

– Filha, a mãe precisa resolver umas coisas na cidade, e você vem junto comigo. Tá bom? Vai ser rápido. Mas só tem uma coisa: você tem que entender que lá a vida é muito... diferente – falou, com uma pausa, tentando encontrar a palavra mais apropriada para descrever a vida em Utopis.

Aline, com seus 11 anos de idade, surpreendia a todos com sua fala e forma de agir, que transparecia uma maturidade muito além de sua idade biológica. Com os olhos brilhando, respondeu:

– Mãe, as minhas melhores amigas são as mais diferentes de mim. Desde quando ser diferente é um problema? Se tudo fosse igual, a vida seria muito monótona... Nem acredito!

– a garotinha suspirou, com um sorriso estampado no rosto.

– Finalmente vou poder andar de barco! Conhecer outras pessoas, outras casas, outras comidas... Ouvi falar que tudo lá é incrivelmente bonito, tem até árvores e flores. Você consegue acreditar? MÃE!

– Aline exclamou, após ter ficado parada, por alguns segundos, como que extasiada – Na cidade podemos tomar sorvete??!

Desde que residia nas palafitas, Aline não conhecia um local que tivesse a natureza preservada. A escola foi o único local no qual teve acesso à algumas fotos de locais limpos e reluzentes, repletos de árvores, lagos, cachoeiras, e definitivamente não conseguia entender como sua casa ficava tão afastada daqueles lugares tão maravilhosos.

Também era obcecada pelas fotos das flores que via nos livros, umas mais coloridas que as outras. Parecia um sonho! Além disso, tinha ouvido falar, por meio de alguns amigos, que o sorvete do calçadão era a coisa mais maravilhosa que existia. A sua empolgação era tamanha, que não conseguia se conter de alegria.

– Ora, se acalme, minha filha! Por hoje, a visita é rápida. Sua mãe vai marcar consulta com um médico. E hoje o tempo não está bom, sorvete gelado faz mal para a sua garganta. Outro dia, quem sabe...

Com o coração apertado, aquela foi a boa desculpa que Rosa conseguiu arranjar para disfarçar para a filha que, na verdade, ela não tinha dinheiro para comprar-lhe o tão bem quisto sorvete. Mesmo assim, naquele momento Dona Rosa tomou profunda consciência daquilo que já sabia: havia demorado demais para tirar sua filha daquela ilha perdida de palafitas, mudar sua perspectiva e retirar aquela espécie de véu de ignorância que havia deixado pairar sob os olhos da sua pequena – aquilo que possuía de mais precioso neste mundo – durante estes últimos onze anos.

Foi assim que ambas entraram naquele barco balançante, pequeno, precário, com poças d'água no seu interior que refletiam os olhos negros, profundos e aflitos, da mãe, e o olhos verdes e vibrantes, da filha. Porém, na medida em que o vento batia no rosto de Rosa, ela sentia o orgulho que havia tomado conta de si esvaindo-se, aos poucos, até que sentiu seu interior tomado de força e coragem. Com um sorriso no rosto, indicou para o pescador que podia seguir o rumo. Havia chegado a hora, de mudar sua vida e de sua filha. E não havia nada que iria impedi-la.

III- A Cidade de Utopis

Cidade. Local de cotidiano, de vida urbana, de ressignificação, de trabalho.

Lugar de reunião de pessoas, de movimentação, de encontros, de vai e vem, de reinventar-se a cada dia, e mais que tudo, de um constante pulsar da vida. Em que pese todas as desigualdades, miséria e desafios que podem permear o dia a dia de grande parte da vida urbana, mesmo numa cidade desenvolvida, Aline enxergava, na margem do rio de Utopis, um mundo tão somente maravilhoso.

A criança deleitava-se com as árvores que rodeavam aquela espécie de jardim que circundava o rio: árvores pequenas, outras mais frondosas, e também havia aquelas tipo coqueiros, que deixavam seu rastro de sombra desenhado no chão. Conforme o vento batia na copa das árvores, os tons de verde das folhas dançavam e subiam, misturando-se com o azul do céu. No calçadão que rodeava o rio não havia tantas flores, mas as poucas que jaziam em pequenos canteiros já foram suficientes para deixar Aline encantada: ali havia cores, delicadeza, organização, beleza. Coisas difíceis de se encontrar no local em que ela morava e havia passado toda a sua vida.

Enquanto Aline observava, extasiada, os prédios deslumbrantes e envidraçados que se erguiam imponentes, em direção ao céu, Dona Rosa foi em busca daquilo que fora fazer: encontrar um posto de saúde. A jovem precisava consultar-se com um médico, tendo em vista que suas crises de dor de cabeça vinham aumentando consideravelmente, além de estar com falta de apetite e diarreia, sintomas que não possuía anteriormente. Qualquer problema de saúde deixava Rosa muito preocupada, não por si própria, mas porque sabia que precisava estar saudável para cuidar de sua filha. Ainda assim, o surgimento de doenças nas pessoas que moravam sobre as palafitas, infelizmente, era algo comum, considerando as precárias condições de higiene do local.

A poucos metros de distância de onde Aline se encontrava sentada, aguardando por Dona Rosa, estava um menino alto, moreno, de cabelos crespos, que auxiliava sua mãe com as vendas num carrinho de food truck. O garoto observava, atento, a curiosa postura da menina que estava sentada, à beira do rio. Suas roupas eram visivelmente desgastadas, de um tom marrom nude, opaco, além de aparentarem estarem demasiadamente largas, de modo que não pareciam pertencer à uma criança. Além disso, não combinavam com uma certa leveza que parecia emanar, de uma forma inexplicável, daquela menina.

Considerando o pouco movimento de clientela, o garoto questionou à mãe se poderia dar uma volta e comprar um sorvete. A verdade é que aquilo era somente uma desculpa para aproximar-se da garotinha, que estava sentada próxima ao carrinho de sorvete. Ele não sabia por qual motivo, mas algo em seu interior dizia para ir ao encontro dela.

Ao aproximar-se do carrinho, Aline já observou a presença do menino, o qual chamou-lhe atenção. Era muito bonito, bem vestido, com traços do rosto bem definidos e uma boca larga que parecia esconder um sorriso cativante. O garoto comprou um picolé, e em vez de dar a volta, permaneceu no local, fingindo estar contemplando a paisagem, que já lhe era tão conhecida e até monótona. Ambos tentavam disfarçar, evitando olhar diretamente em direção ao outro, até que seus olhares se encontraram, e o menino estampou um sorriso, tentando encontrar, desesperadamente, qualquer motivo para iniciar um diálogo:

– O dia está lindo, não é mesmo? Fazia tempo que não ficava um céu azul desses, tão limpinho...

O garoto sabia que iniciar uma conversa falando do tempo parecia um tanto quanto tosco e previsível, mas considerando a sua timidez, aquele já havia sido um grande avanço. Aline fitou-o, perplexa ao constatar que alguém tão belo quanto aquele garotinho, pertencente à um mundo tão diferente, havia lhe dado atenção:

– Oh, olá!! – A garota exclamou, com um sorriso nos seus olhos verdes e brilhantes– É verdade, o céu está incrivelmente, inexplicavelmente azul! Acredito que meus olhos não conseguem se contentar, de ver tamanha beleza! Mas o que mais me impressiona é a cor desta água... Como é possível ser tão límpida? Nunca vi algo assim...

É porque lá na minha cidade, ou melhor, onde eu moro... Ah, desculpe, eu não consigo controlar meus pensamentos e falar uma coisa de cada vez... É um prazer conhecê-lo! Qual é o seu nome?

O garoto ficou ensimesmado com a reação da garota, que demonstrou tamanha empolgação em relação à cor do céu e à paisagem. Isto porque ele somente falou da cor do céu porque foi a primeira coisa que lhe veio à mente, e não porque achasse que se tratava de algo esplendoroso. Na verdade, não via nada de fora do comum ou belo, afinal, era exatamente o mesmo céu de todos os dias. Aquilo também se aplicava em relação à cor da água, que não era nada que se comparasse à um rio verdadeiramente conservado, pois era de conhecimento notório que a água de Utopis não era uma das mais limpas do país – apesar de ser algo belamente disfarçado pelas autoridades, que faziam questão de fazer dela uma "cidade modelo".

Além disso, o menino ficou perplexo com a vivacidade e maneira de se expressar da garota, que parecia ser muito inteligente e utilizava palavras que não eram usuais para a sua idade aparente. Ainda sem saber exatamente o que estava buscando com aquela conversa, respondeu:

– Eu me chamo Thiago! E você?

– Aline! Feliz em poder conhecê-lo, Thiago! - a garota respondeu, tentando conter seus impulsos para responder uma coisa de cada vez.

– Ah sim, seu nome é muito bonito! O prazer é meu, Aline! E me conte, você não é aqui de Utopis, ou é? Nunca te vi por aqui! Você vinha falando da sua cidade...

– Ah, minha cidade...? – A garota enrubesceu, sem saber exatamente o que lhe dizer, após descobrir que o local que morava era definidamente muito diferente, como havia alertado sua mãe – Pois então, na verdade fica numa outra parte de Utopis mesmo, não tão longe daqui... Só que é do outro lado...do outro lado do rio... – Parou, por um instante, até que pronunciou, com um ar de mistério: – Lá, nós moramos em cima das águas! – Aline exclamou, com um verdadeiro ar de empolgação, pois queria chamar a atenção de seu novo amigo, com algo inusitado, ou talvez fantasiar que havia algo de verdadeiramente incrível e diferenciado no local de onde ela vinha.

– Em cima das águas? – O garoto questionou, intrigado – Como assim? Você tem algum tipo de superpoderes ou algo do tipo? – Perguntou, dando risada com um ar zombeteiro, o qual tentou disfarçar após perceber que não tinha intimidade nenhuma com a garota para fazer piadinhas daquele tipo. – Então, já que é assim, como você veio para cá?

– Eu e minha mãe viemos de barco... Foi uma verdadeira aventura! A sensação de estar viajando, sobre as águas, recebendo um vento gelado e enaltecedor no rosto... Um vento que veio de outros cantos, que traz consigo um ar de mudanças, de novas oportunidades! Até então, eu nunca tinha saído do lugar onde eu moro. Agora, descobri que talvez existam muitos lugares que eu possa conhecer... – Aline expressou, fitando horizonte, enquanto deixava sua mente divagar e sua criatividade lhe levar para outros cenários, sempre fomentada pelo hábito diário da leitura.

– Vocês vieram de barco? E moram em cima da água? Mas isto é realmente incrível! Onde vocês moram, é tipo assim, parecido com Veneza? – O garoto questionou, com uma ingenuidade tamanha, que somente um pré-adolescente que tinha sido poupado de diversas adversidades do mundo poderia ter.

– “Venesia”? – A menina replicou, com um olhar de indagação, que denunciava que ela não fazia nem ideia de que diabos aquele menino estava falando.

Mesmo assim, acenou a cabeça, afirmativamente, tentando demonstrar segurança – É, uhum, acho que é tipo isso... Venesia... – pronunciou a palavra novamente, baixinho, como se, após certa repetição, encontraria um sentido para aquela palavra desconhecida, que soava belamente e parecia ter algo de realmente interessante.

– Bom, sendo assim, eu adoraria poder conhecer o lugar onde você mora, qualquer dia! Já cansei de ficar todo dia aqui, na margem do rio... Não tem nada de novo pra fazer!

Naquele momento Aline estancou, por alguns segundos, pensando numa forma educada de dizer que talvez a monotonia da sua cidade fosse melhor do que o seu dia a dia nas palafitas:

– Ah, claro! Um dia, quem sabe, você pode ir junto comigo sim... – A garota informou, despretensiosamente, uma vez que não acreditava ou depositava uma real intenção nas palavras que dizia. Tentando mudar de assunto, Aline observou aquele picolé nas mãos do menino, prestes a derreter:

– Thiago, afinal, você não vai tomar esse sorvete? Por favor, depois me diga se o sabor é tão maravilhoso quanto a sua aparência! Gostaria de saber, do fundo da alma, se é tão bom quanto dizem...

O menino precisou se conter para não dar risada da garota, que falava de forma tão fervorosa de algo tão trivial como um picolé:

– Ora, nunca vi alguém falar de alma e sorvete numa mesma frase! Você é realmente engraçada... Vai me dizer que nunca tomou um sorvete? – Thiago fez a pergunta, embora não esperasse que seria possível uma resposta negativa – Já que você está tão animada, pode ficar com o picolé, na verdade nem estou com vontade...

Aline, incrédula, fitou profundamente os olhos daquele menino, que apesar de mal conhecê-la, em alguns instantes já parecia ser o seu melhor amigo:

– Oh, você está falando sério, Thiago? Eu nem acredito... Você é verdadeiramente bondoso! É como se os meus sonhos estivessem se tornando realidade!

Com um sorriso que mal cabia em seu rosto, a pequena Aline pegou o picolé das mãos do menino, e deliciou-se com aquilo de forma que nenhuma outra criança teria o feito. A sua satisfação era tamanha que o tomou de forma lenta e vagarosa, como se estivesse apreciando a maior iguaria já feita pelo homem.

Não pronunciara uma palavra sequer, enquanto não tivesse terminado o bendito picolé. Na sequência, contudo, o seu pequeno momento de êxtase foi interrompido pela repentina chegada da mãe de Thiago, que parecia estar furiosa pela demora do filho:

– Thiago, o que você está fazendo? Que demora é essa? Vamos, tem pessoas querendo ser atendidas, você tem que me ajudar com os sanduíches...

A senhora pegou na mão do filho, quase que arrastando-o de volta, ignorando completamente a garotinha que estava lhe fazendo companhia. Thiago, sem ter tempo de se despedir, fez um sinal com a mão para a menina, acenando com a cabeça e dando-lhe um sorriso genuinamente verdadeiro. Aline, com o coração aquecido, retribuiu o sorriso, despedindo-se do menino. Era engraçado que, mesmo não o conhecendo direito, já não via a hora de encontrá-lo novamente.

Ao distanciarem-se um pouco de Aline, a mãe de Thiago chegou mais perto do filho e, olhando para trás, certificando-se de que ninguém estava olhando, falou baixinho, enraivecida:

– Thiago, o que te deu na cabeça? Já não falei para você não falar com estranhos? Ainda mais com gente como essa...- A senhora enfatizou a última palavra, olhando na direção que a menina se encontrava, com ar de desprezo. – O que custa ficar quieto fazendo o seu serviço, hein?! Você nunca mais fale com aquela menina.

O menino, estupefato, observava sua mãe com ar de indignação, tentando entender o que ela queria dizer com "gente como essa". Ela não havia conversado com Aline, então como poderia minimamente conhecê-la para fazer aquele tipo de julgamento?

Em que pese tenham conversado por tão pouco tempo, Thiago sentia que era como se já fossem amigos há anos. Além do mais, a conversa entre ambos fluía naturalmente, além de ter algo de misterioso na Aline. Ele queria conhecê-la melhor, visitar o local que ela morava. Entender porque ela falava de forma tão empolgada de coisas que, para ele, eram tão banais.

Por tais motivos, ele simplesmente não ficava em paz com a ideia de nunca mais vê-la, nem que fosse, ao menos, para se despedir. Aquilo permaneceu em sua mente, por dias a fio, especialmente quando ele percebeu que a sua rotina estava mais monótona do que nunca. Houve dias, ainda, que ele olhava para o rio, insistentemente, esperando que Aline aparecesse num barco, como num passe de mágica, com aquele jeitinho tão encantador. Outros dias, ele observava, atento, o azul do céu e da água, tentando enxergar aquelas cores com a empolgação de Aline. Não obstante, por mais que se esforçasse, continuava enxergando tudo do mesmo jeito.

E assim os dias foram passando, um por vez.

IV- O Retorno

Após aquele dia em que Aline havia sido apresentada à um mundo diferente, sua vida havia mudado por completo. A garota, perspicaz e inteligente como era, não parava de fazer perguntas à sua mãe: o que eram aqueles "carros" de comida enfileirados na beira do rio? O que havia dentro daqueles prédios gigantescos? O que eram aqueles postes de luzes que faziam os carros pararem? Por que lá a água era muito mais limpa, até o céu parecia mais azul, as plantas eram mais vivas e as moradias eram belas, em perfeito estado? Por que lá não tinha lixo por todo o lado, o cheiro não era ruim? Por que as casas também não eram construídas em cima da água? Começando com perguntas intermináveis, algumas aparentemente simples de serem respondidas, outras mais complexas, Aline não se contentava. Até que certo dia a garota questionou: Mãe, por que lá também existem pessoas que parecem tristes, se tudo é tão bonito? E afinal, mãe, por que que a gente não tem nada daquilo aqui onde a gente mora?

Dona Rosa não podia dizer que estava surpresa, porque sabia que aquilo era exatamente o que iria acontecer. Ela conhecia muito bem sua filha para saber que ela a encheria de perguntas e passaria a enxergar o local em que moravam com outros olhos.

Ao mesmo tempo, não podia dizer que a filha não tinha razão na sua inquietude: ela sabia que muitas daquelas perguntas demonstravam quão sábia era a sua garota, a qual não se contentaria até ter respostas decentes para os seus questionamentos. O triste era perceber, contudo, que nem mesmo Dona Rosa teria respostas justificáveis (ou justas) para todas aquelas perguntas.

Foi depois desse dia que Rosa tomou a decisão de que precisava fazer algo pela sua comunidade, e que aquilo não poderia mais esperar. Após ouvir todos os questionamentos de sua filha, tomou consciência de que não podiam permanecer vivendo naquela situação, indefinidamente, até mesmo porque nos últimos tempos vinham surgindo diversas circunstâncias agravantes.

A quantidade de lixo que havia no rio sobre o qual moravam, por exemplo, era cada vez maior, o que estava inclusive afetando a estabilidade das palafitas. As casas, já em situações extremamente precárias, não tinham um solo firme para se fixar, com a quantidade de dejetos que pareciam multiplicar-se no rio. Algumas das casas chegaram a desabar no rio. A água, consequentemente, era cada vez mais escassa e também poluída, o que passou a causar, inclusive, um aumento dos casos de doença contraídas por contaminação de água – Dona Rosa era um exemplo, pois havia sido diagnosticada com um grave quadro de infeção urinária.

Por outro lado, recentemente houve episódios de incêndios nas palafitas, que destruíram as casas de milhares de famílias. Além disso, o fato de o local ser de difícil acesso também dificultava a chegada de bombeiros e o atendimento médico no local, o que fez com que muitas vidas ficassem à mercê da falta de estrutura das palafitas. No fundo, os moradores sabiam que o tempo era curto para que aquilo tudo entrasse num colapso total.

Diante desse contexto, Rosa vinculou-se à Associação de Moradores da comunidade, participando de reuniões para fixar metas e propostas para alterar as condições de miserabilidade e encontrar um local para que pudessem viver de forma digna.

A jovem estava extremamente engajada e decidida a fazer a mudança, sempre motivada ao pensar no futuro de sua filha e de todas as crianças que ali moravam.

A partir disso, Dona Rosa passou a frequentar a cidade de Utopis com mais frequência, e obviamente não conseguiu convencer Aline de que era melhor que ela não a acompanhasse. A garota, deslumbrada com a cidade, também não parava de mencionar o desejo de reencontrar o seu "grande" amigo, Thiago, que teria sido extremamente gentil consigo naquele primeiro e único dia que se encontraram.

Foi assim que, após aproximadamente um mês, Aline passou a se deslocar até a cidade junto de sua mãe com bastante frequência, ao menos semanalmente, de modo que voltou a encontrar o mais novo amigo. Thiago precisou explicar à garota que sua mãe não o permitia falar com estranhos – ocultando que sua mãe certamente teria algum problema com ela, em específico –, mas sempre encontrava um jeito de encontrar Aline, por um curto período que fosse.

A amizade dos dois passou a crescer, paulatinamente, sendo criado um vínculo afetivo belo e sincero entre ambos, que se encontraram numa espécie de refúgio mágico, apesar de suas grandes diferenças. Sendo assim, chegou o dia em que Aline, obviamente, teve que ser sincera com Thiago e confidenciar-lhe toda a situação que vivenciava diariamente nas palafitas: informou que não era nada parecido com Veneza – ficou tão intrigada com aquela palavra, que precisou pesquisar o seu significado – e explicou-lhe todos os percalços que enfrentava desde que era pequena.

As histórias contadas por Aline eram intermináveis, até mesmo porque ela era uma verdadeira contadora de histórias. Ela explicou-lhe que lá nas palafitas, onde ela mora, não há água limpa, o cheiro é ruim, há lixo por todo o lado, a natureza está completamente degradada. Faltava alimentos, médicos, professores, sendo que as condições de moradia eram extremamente precárias, incomparáveis à vida que ele conhecia na cidade de Utopis.

Thiago custou a acreditar que poderia haver um local tão desumano quanto aquele que sua amiga descrevia. No entanto, depois acabou percebendo o quanto, em verdade, ele era um menino desinformado e alienado de uma situação que não estava, afinal, tão distante de si. Estava logo ali: do outro lado do rio, onde seus olhos não alcançavam.

V- A Reunião

Numa manhã ensolarada, Dona Rosa acordou cedo, toda animada, arrumou-se, prendeu o cabelo, vestiu a melhor roupa que tinha no armário, e explicou à filha que aquele seria um dia notório:

– Filha, hoje teremos uma reunião com pessoas importantes da cidade. Eu e o Sr. Carlos, presidente da Associação de Moradores, seremos porta-vozes de todas as pessoas que aqui residem. Iremos repassar, de forma detalhada, todas as propostas de melhorias que temos para as palafitas e para a implementação de projetos futuros. Eu acredito que, depois de hoje, a nossa vida vai mudar. Aos poucos, mas vai, meu bem! E saiba que é você que me estimula a levantar com este propósito todos os dias! – Rosa suspirou para a filha, emocionada, tentando segurar as lágrimas que estavam prestes a desabar de seus olhos.

Aline, como de costume, acompanhou a mãe até a cidade. Ao chegar na margem do rio, a garota cumprimentou o amigo Thiago, informando-lhe que iria numa reunião muito importante com sua mãe. Tentava esconder, mas na verdade estava cheia de orgulho por poder participar de um momento aparentemente memorável.

O menino observou-a, atentamente, percebendo que ela estava com um vestido muito bonito, que nunca havia usado antes e que ressaltava os seus olhos verde claros. Além disso, havia estampado em seu rosto um sorriso que deixava transparecer o quanto ele gostava daquela menina. Não sabia explicar o que era, mas nunca havia sentido algo assim. Ao se despedir, confidenciou-lhe, num tom baixo de voz:

- Boa sorte para a sua mãe na reunião! Aliás, você está muito bonita hoje! Ao ouvir aquelas palavras, Aline ficou com o rosto inteiramente corado, e o coração palpitou, mais forte, com a inocência de uma criança que desabrochava gradativamente para a vida. Foi ao encontro de sua mãe e caminharam, por algum tempo, em direção à Secretaria dos Governos, prontas para o grande momento.

Após caminharem por aproximadamente meia hora, Dona Rosa, Aline e o Sr. Carlos estavam um pouco cansados, com os cabelos já um pouco desgrenhados pelo vento e pelo suor, mas enfim chegaram na sede da Secretaria. O prédio era alto, com vidros pretos que cobriam toda a sua fachada, muito bonito e imponente. Contudo, toda aquela formalidade e beleza enrustida nas paredes também tinha algo de ameaçador, que os faziam sentir um pouco amedrontados, apartados daquela realidade.

Mesmo assim, apressaram o passo, e adentraram na portaria no prédio, avisando que tinham reunião marcada.

O porteiro disse-lhes que podiam subir, que já estavam sendo aguardados.

Entraram na sala, e foram bem recepcionados pelas entidades que participariam da reunião. No início, a reunião estava ocorrendo à contento. Todos foram muito educados com Dona Rosa e Sr. Carlos, fazendo com que se sentissem extremamente à vontade. Ou ao menos, essa foi a primeira impressão que tiveram.

- Então, Vossa Excelência...

- Meus caros, aqui ninguém é Vossa Excelência! Fiquem à vontade para nos chamar como preferirem.

- Ah, tudo bem então, Senhor Digníssimo... – O Sr. Carlos exclamou, de forma pausada e extremamente formal, tentando disfarçar o quanto estava nervoso para se dirigir àquelas pessoas. Por mais que tentasse, enquanto um humilde membro da comunidade das palafitas, via-se deveras distanciado da posição social que ocupavam os membros daquela sala, e quase que inconscientemente sabia que tinha de tratá-los com muito respeito, ou ao menos com uma formalidade, que no final das contas acabava sendo bastante exagerada.

Após uma breve exposição dos fatos e das propostas que ambos tinham a fazer, a conversa começou a fluir mais naturalmente, e o Sr. Carlos e Dona Rosa estavam mais à vontade para interagir na tão esperada reunião. No entanto, após certo tempo, começaram a perceber um certo distanciamento dos representantes da Secretaria dos Governos, em relação àquilo que eles tentavam propor. Tinham a impressão de que eles falavam algo, e aqueles senhores, sem responder aos seus questionamentos, davam explicações distantes da realidade e que nada tinham a ver com o que os moradores precisavam neste momento.

– Senhores, vocês já pavimentaram algumas ruas nas palafitas, aproximadamente dois anos atrás, e somos muito gratos por este projeto. No entanto, precisamos de uma nova iniciativa como esta. Recentemente, pessoas se machucaram caminhando entre as palafitas, pois as tábuas de madeira que colocamos para caminhar estão extremamente desgastadas, algumas estão esburacadas. Dia desses, uma tábua soltou e o filho da minha amiga, de 7 anos de idade, caiu no rio... Por sorte tinha gente por perto para resgatá-lo...

– Meus caros, bem lembrado! Nós fizemos um grande investimento com as calçadas nas palafitas. De fato, foi um dos maiores investimentos que fizemos em toda a cidade nos últimos anos, sendo algo do qual Utopis se orgulha imensamente! E nem faz tanto tempo assim...

Pois então, tenho certeza de que aquilo que construímos ainda está em plenas condições de oferecer segurança para a comunidade, pelo menos durante este próximo ano. No momento estamos sem orçamento, mas em breve poderemos retomar o projeto...

Um dos representantes dos órgãos públicos fez sua breve exposição, solenemente, como se pudesse saber as reais condições de segurança que havia nas palafitas, mais do que os seus próprios moradores, que o encaravam, com olhar de desalento.

– Senhor, desculpe interrompê-lo, porém posso assegurar-lhe que não temos segurança naquele local...

Imediatamente, um representante do Meio Ambiente argumentou:

– Sr. Carlos e Sra. Rosa, nós compreendemos a situação, porém, vocês estão cientes de que legalmente, não existe autorização para realizar o calçamento nas palafitas, pois onde vocês moram é uma invasão... Área de Preservação Permanente (APP) – o Secretário deu uma breve pausa e soletrou a sigla, como se estivesse dando uma aula de Direito Ambiental para ambos – A verdade é que a sua comunidade não deveria morar ali, para início de conversa, pois aquele local é área de mangue, de preservação ambiental.

Vocês têm ciência de que estando ali, vocês estão prejudicando a natureza ao redor, não é mesmo?

– Sim, nós entendemos perfeitamente... Mas o senhor sabe que a situação saiu do controle... Nós nascemos ali, porque nossas famílias não tinham onde morar.

Agora, tentamos movimentar as pessoas para buscar outros lugares, mas ninguém tem dinheiro...Outros se negar a sair... Já fizemos algumas iniciativas de educação ambiental para a população, mas quando as pessoas passam fome e não possuem água limpa ou condições minimamente dignas de moradia, de saúde, não querem prestar atenção em mais nada. Como vocês sabem, não há saneamento básico, o esgoto vai pro rio... Não conseguimos controlar o lixo...Eu juro que nós tentamos, mas sem uma intervenção do Poder Público, urgente, não sei o que serão daquelas famílias!!! – Sr. Carlos exclamou, pausadamente, de forma intensa, como se gritasse para o mundo todo ouvi-lo. – Por isto, nós estamos aqui para solicitar que seja feita uma intervenção pontual, somente para aquilo que for urgente, de maneira que, na sequência, seja providenciada a nossa relocação para outro lugar, na cidade. Nós estamos cientes de que é isto que precisa ser feito, pensando o futuro. No futuro das famílias, das crianças, e também da natureza que nos cerca.

– Certo, mas como eu já disse, fiquem tranquilos, que está tudo sob controle!

– O senhor pontou, de forma bastante tranquila, como se sequer tivesse ouvido o belo discurso que o morador das palafitas tinha acabado de proferir.

– É isso mesmo que nós vamos fazer. Primeiro, só precisamos resolver algumas outras pautas mais urgentes, porque como devem saber, vocês não são os únicos que precisam de amparo nesta cidade.

Mas no tempo certo, prestaremos um apoio devido para toda esta situação.

Sr. Carlos e Dona Rosa os encaravam, espantados, tentando entender quais "outras pautas mais urgentes" seriam essas, do que a situação deplorável em que milhares de pessoas nas palafitas se encontravam. Afinal, qual seria o momento certo?

– Sim, tudo bem... Nós agradecemos a atenção dos senhores. Por fim, também tem outra coisa que gostaríamos de pontuar. Como é de conhecimento geral, recentemente tivemos um incêndio na região, algumas pessoas morreram e outras ficaram feridas... E toda vez que acontece este tipo de coisa – quase sempre, Dona Rosa pensou, consigo mesma – o acesso dos bombeiros e SAMU até as palafitas é muito difícil, o que deixa a nossa população totalmente vulnerável. E o que mais nos preocupa é que o rio está com um fluxo muito diferente do que nos anos anteriores. Dia desses houve uma tempestade, e falamos com alguns especialistas em Meio Ambiente, que falaram que aquela região começará a estar mais perigosa, com risco iminente de enchentes...

E assim foi seguindo a reunião. Sr. Carlos e Dona Rosa foram verdadeiros heróis, pela resiliência que tiveram, de permanecer expondo suas ideias e proposições, de maneira extremamente calma e fundamentada, até terem esgotado tudo o que possivelmente poderiam falar e serem – delicadamente – convidados a se retirar.

Enquanto isso, Aline observava pelo vidro, tentando entender o que estava acontecendo ali. Mesmo tratando-se de uma menina muito inteligente, não conseguiu entender exatamente o que havia sido discutido. Aquelas pessoas importantes, falavam meio baixo, com palavras difíceis, num formalismo excessivo que era bonito, porém que não parecia ter resolvido nenhum dos problemas práticos que os moradores expunham. O discurso institucional, correto. As palavras, perfeitamente escolhidas para transparecer que a situação estava sendo devidamente controlada.

Porém, naquele mesmo momento, Aline enxergava através do vidro, os olhos de sua mãe, grandes, negros e profundos, que refletiam pela luz que batia na janela, quase que um pedido de socorro.

VI- O envelope

Thiago não teve a oportunidade de se despedir de Aline naquele dia. Sua mãe tivera que fechar o carrinho de food truck um pouco antes do previsto, e ele foi para casa, com uma sensação de desalento, cuja origem ele não sabia definir exatamente. Talvez fosse porque estava curioso para saber como havia sido a importante reunião da Dona Rosa, que teria um impacto significativo na vida de Aline e toda a população que morava nas palafitas. Mesmo não vivenciando aquela realidade cruel que se colocava à alguns quilômetros da sua, Thiago sentia que precisava fazer algo por aquelas pessoas.

Os dias se passaram, e na semana seguinte, Aline também não apareceu, o que o causou certo estranhamento, porque ela e sua mãe estavam vindo à cidade com maior frequência no último mês. Passou-se uma semana, duas, três, até que na quarta semana Thiago não conseguia ter paz. Sentia-se solitário, por não ter sua querida amiga para lhe fazer companhia, naqueles dias tão monótonos e nublados. Até mesmo o sol parecia sentir falta de Aline, pois fazia dias que o céu estava acinzentado, opaco, sem trazer a vitalidade e beleza que só os dias ensolarados podiam proporcionar. As chuvas também passaram a ser mais frequentes e intensas, o que fazia com que a circulação de pessoas na beira do rio fosse menor, e os dias, mais sombrios.

O garoto, cabisbaixo, inventava a cada hora uma desculpa diferente à sua mãe, pedindo para caminhar na margem do rio, com a mais profunda esperança de que a garotinha aparecesse, com aquele seu jeito tranquilo, gracioso e único, no horizonte, estampando em seu rosto aquele sorriso que já era o suficiente para alegrar até os dias mais nublados.

No entanto, não foi isto que ocorreu, até que se passou um mês sem que Thiago tivesse notícias de sua amiga ou Dona Rosa. Já não sabendo mais o que fazer, estava bolando um plano para falar com os pescadores e ir pessoalmente até as palafitas, da maneira que fosse. Precisava verificar se estava tudo bem, pois aquele sentimento de incerteza e angústia estava o matando por dentro.

Contudo, aquilo não seria necessário. Foi neste mesmo dia que, enquanto divagava acerca das possibilidades para reencontrar sua amiga, Thiago ouviu a notícia, através daquela pequena televisão colocada sob o balcão do carrinho de food truck. A notícia surgiu assim, de forma tão inesperada, que ele ficou paralisado por um momento, perplexo, sem conseguir acreditar no que acabara de ouvir.

Na noite que se antecedeu, o rio que circundava a favela de palafitas encheu subitamente, em razão das chuvas torrenciais que se acumularam ao longo das últimas semanas. O resultado não foi outro, senão aquele que já havia sido previsto e alertado por alguns especialistas: a enchente chegou de forma devastadora, destruindo toda a estrutura das palafitas. As casas, desmoronadas por cima do rio, jaziam como pedaços destroçados de madeira, que dias antes serviam de moradia para milhares de famílias.

Uma verdadeira tragédia, pode-se dizer, já anunciada: ninguém havia sobrevivido.

Aquela notícia perpassou o peito do garoto como uma facada. Estava em choque. Seu corpo estremeceu, teve vontade de desmaiar. Sentia o coração arder, como que pedindo para sair pela boca, e seu corpo estava tão paralisado que suas lágrimas, que pareciam formar um rio dentro de si, não conseguiam sair.

Thiago olhava para a pequena tela da televisão, encarando-a, como se logo em seguida fosse notificado que aquilo havia sido um mero engano. Olhava para as suas mãos, para o céu, para o horizonte, já não sabendo distinguir se aquilo seria um pesadelo ou a realidade.

Foi no meio desse estopim de sentimentos que Thiago sentiu uma mão tocar o seu ombro, por trás, com uma suavidade quase que angelical. Virou-se, e ali, logo à sua frente, estava a sua estimada amiga.

Aline estava com um vestido bege claro, com os cabelos presos, e parecia que dela emanava uma luz, diferente daquela luz natural que ele observava nela todas as outras vezes. Ela deu-lhe um sorriso, abraçou-o fortemente, até que Thiago, estupefato, não conseguiu ter nenhuma reação, senão permanecer naquele abraço prolongado, onde poderia ficar para sempre. Permaneceu ali, por alguns segundos, sem deixar que seus pensamentos atrapalhassem ou racionalizassem a magia daquele momento. Apenas sentia, intensamente.

Depois disso, Aline soltou-o, e fitando seus olhos, profundamente, disse:

– Oh, Thiago, eu senti tanto a sua falta! Você nem imagina... Tenho tanta coisa para te contar...Por favor, me perdoe pela ausência! Eu queria ter vindo aqui algumas semanas atrás, porém minha mãe ficou extremamente doente... Tive que ficar cuidando dela. Ai depois aconteceu tudo aquilo... Gostaria de ficar aqui com você por horas a fio, me desculpe, mas não tenho muito tempo...

Thiago estava completamente desnorteado, sem saber estabelecer alguma relação lógica entre a trágica notícia que tinha acabado de ver na TV e a presença da amiga, que estava logo ali, na sua frente, de forma tão vívida:

– Aline, eu fiquei esperando você aparecer por todo esse mês... Você não sabe a falta que você me faz! Como é bom poder te ver! Mas eu não estou entendendo...

Você está bem? Eu acabei de ver a notícia na TV, sobre o que aconteceu nas palafitas...

– Meu amigo, eu estou bem, sim, como você pode ver! Onde eu moro agora, tudo é mais bonito, mais gracioso... É um lugar muito iluminado, digamos assim! Nunca vi nada parecido... Mas veja, agora não tenho tempo para lhe explicar...

– Lugar iluminado? - Thiago indagou, ensimesmado, tentando entender o que raios a amiga queria dizer com aquilo. Lá no fundo, contudo, estava com saudades das descrições sempre inusitadas que a garota sempre fazia.

– Mas como assim, e as palafitas, Aline? Você estava lá quando ocorreu a enchente? Não estou entendendo...

– Thiago, se acalme, logo você irá entender! Já não era para eu estar aqui, por isto preciso ser breve. Eles me deixaram vir hoje para te encontrar, a fim de te entregar isto... É algo muito importante, você precisa guardá-lo, Thiago. Sabe, eles não entenderam nada...

Aline esticou suas mãos, delicadas como uma pluma, e entregou-lhe um envelope branco, muito bonito e reluzente. O garoto pegou o envelope nas mãos, sem entender absolutamente nada:

– Eles? Quem não entendeu nada? E quem deixou você vir? Sua mãe? E afinal, o que é este envelope, Aline...? Estou confuso...

No intervalo de tempo que se sucedeu entre Thiago esticar as mãos, fitar o envelope misterioso e olhar novamente para cima, Aline havia sumido. Assim, sem mais nem menos, da mesma forma súbita que aparecera, com um brilho inexplicável que a rodeava, havia desaparecido.

A mãe de Thiago, que estava a alguns metros de distância, veio correndo em direção ao filho:

– Thiago, está tudo bem? O que é que houve? Por que você estava falando sozinho? Eu hein, você nunca foi dessas coisas... E o que é isso nas suas mãos?

– Eu? Falando sozinho? Não, mãe, é que a Aline... Não sei bem o que aconteceu...- O garoto estava ligeiramente atordoado, já que não havia tido tempo para processar todas as informações e acontecimentos que passaram diante de seus olhos.

Diante disso, relatou à sua mãe que estava muito cansado, que precisava de um tempo sozinho. Assim sendo, pegou aquele envelope misterioso que lhe tinha sido entregue, e olhando para os lados, certificando-se, mais uma vez, de que Aline não estaria ali por perto e que ninguém estava olhando, abriu o envelope. Ali se encontrava uma espécie de carta, escrita com uma letra manuscrita delicada, suave e desenhada. A carta dizia o seguinte:

Coexistência - significado: existir em conjunto. Viver de forma harmoniosa com tudo aquilo que, à primeira vista, pode parecer diferente. Aceitar as diferenças, ser solidário, enxergar o outro. Abrir os olhos para enxergar aquilo que está à sua frente, às vezes muito próximo, mas não se quer enxergar. Colocar-se no lugar do outro, expandir a consciência para todas as realidades que o cercam. Entender que a visão de mundo de um indivíduo não é a única que importa, nem que esta pessoa estará sempre correta a respeito de tudo o que acredita. Adaptar-se ao meio em que se encontra, tomar consciência de que suas ações, sejam acertadas ou não, sempre refletirão nas pessoas que o cercam. Compreender que os problemas, bem como eventuais dificuldades, só se resolvem a partir do momento em que se parte para a ação. Passar diante de desafios ou dificuldades com os olhos entreabertos é o mesmo que ignorá-los.

Coexistir implica na tomada de consciência de que, enquanto não compreendermos que somos todos iguais, merecedores dos mesmos direitos e que precisamos agir em conjunto para resguardar todas as formas de vidas possíveis, não haverá milagre ou salvação. E nisto se incluem realmente todas as formas de vida: o ser humano, os animais, a natureza, a água, a terra, o ar. Tudo aquilo que, no processo de uma cadeia evolutiva, encontra-se como elemento central, seja gerando a vida ou sustentando-a. Compreender que tudo está completamente interligado: a água dos rios, dos mares, dos oceanos. Água: este bem tão precioso e finito, cuja raridade vocês, homens, custam a acreditar. A água que une todos os continentes e ao mesmo os separa, delimitando-os. Florestas: junção das árvores sagradas que crescem num país, cujos pássaros levam suas sementes para o outro lado do mundo, onde virão a germinar. Árvores estas que são o fruto da vida, do oxigênio, que é espalhado para cada canto do mundo, e que mantêm vocês vivos, todos os dias.

Também precisamos (re) lembrá-los de que, por um outro lado, o lixo que vocês jogam naquele pequeno rio, do lado da sua casa, é o mesmo que poluirá o mar do outro lado do mundo. A doença que acomete uma pequena parcela da população de um país longínquo, será a mesma que os impossibilitará de sair de casa no dia de amanhã e custará a vida de seus parentes queridos. Coexistir significa o sábio ato de saber viver, de maneira digna e respeitosa, com tudo aquilo que os cerca. Vocês, todos, unidos por uma única condição: a de ser humano.

E no final das contas, água, mar, terra e homem, são somente elementos de uma composição maior, que se cria e transforma a cada dia que passa, chamada Planeta Terra. Tudo se combina, reorganiza, compõe e recompõe, numa dança da vida que se reinventa a cada dia.

Dito isto, finalizamos: coexistência é o adjetivo do momento. É o que vocês precisam aprender. Somente a coexistência é capaz de transpor as barreiras que os dividem e transformar Utopis numa realidade não utópica, onde cidade e ideia se encontram, transformando-a numa forma de vida concreta e possível.

Somente assim os dois lados do rio se cruzarão e tornar-se-ão unos, interligados, juntando as duas realidades separadas pela água e fazendo com que todas as formas de vida renasçam. Até agora, vocês decidiram viver uma utopia. Então nós os questionamos: até quando?

Além disso, não se esqueçam: o tempo da Terra não é o mesmo tempo dos homens. Enquanto vocês não quiserem olhar para o outro lado do rio, um dia a água poderá transbordar.
(fim)

Thiago leu aquela carta, uma e outra vez. Seu coração pulsava intensamente.

Ficou perplexo com a profundidade daquelas palavras e ao mesmo tempo não entendia exatamente o significado daquilo tudo, e nem o porquê de Aline o ter escolhido para ficar com aquele misterioso envelope.

Sendo assim, respirou fundo, guardou-o no bolso e olhou para o horizonte que se colocava à sua frente. Naquele dia, ele realmente não havia entendido. Mas um dia ele entenderia, e faria questão de fazer com que o mundo todo também entendesse.

E toda vez que olhava para o céu, para os rios, ou para qualquer beleza da natureza, sabia que Aline estava consigo.